



Visado pela
Comissão de Censura

Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO I ■ N.º 256 ■ PREÇO 1\$00

DOCTRINA

Nós, por nos parecer consoante o fundo do *Património dos Pobres*, em certos casos, pagamos renda de casa aos necessitados. Destes, um é do Porto. Há dias, escreveu-me que o senhorio não aceitou, mostrando os documentos do Tribunal que o vai despejar; e que, ou pagava tudo, ou não recebia nada. Esta era a notícia Carta bem redigida. Letra bem feita. Mãos limpas. Aqui estava um campo de magnífica exploração social. Qualquer um que pretendesse ser popular, não tinha melhor ocasião, nem assunto mais adequado. Mas não Deus tem me dado tininho. Respondi na volta e disse—os senhorios têm direito à renda combinada. Aí vem nova carta do mesmo—a sua palavra teve tanta força que o sr. doutor descontou metade. Não foi a minha palavra. Palavras dos homens,—são palavras. Foi, sim, a justiça. Mais. O senhorio, um médico sem me conhecer nem eu tão pouco a ele, manda um cartão à administração de «O Gaiato», tornando-se assinante com 100\$00 por ano. De sorte que, tendo nós aqui dois interesses antagonicos, a justiça tudo conciliou. Tenho hoje mais dois amigos, um operário a quem nada prometi, e um médico a quem nada pedi. Eis o fundamento de uma sociedade perfeita.

Um dia, de entre os visitantes da nossa aldeia, alguns sobem ao escritório. Eram homens das fábricas. Um deles toma a palavra. Alto. Seco. Insinuante. Fez-me queixa. Muita queixa, a pontos de se exaltar. Usa o pronome *eles* quando se referia aos patrões. Nunca disse *nossos*. Nunca, os *nossos* patrões. Era sempre *eles*. O afastamento! Eu estava ao pé dos três. Deixei-os ir até onde eles quiseram sem ter aberto a minha boca. Não defendi. Não ataquei. Eles foram se sem saber quem eu era. Mas eles tinham razão...

Uma das maiores queixas, era a ostentação. Ao falarem dela referindo-se a *eles*, as palavras eram de pólvora. Tivesse eu aberto a boca e vinha a explosão! Ostentação. Luxo. Esbanjar. Muito comer.

Quando eu vinha do Brasil, no Recife, entra uma família composta de pais e um filho. Os outros tinham ficado na cidade com a gerência dos negócios. No decorrer da viagem, notei que era um homem de muito poder e largos cabedais. Um capitalista, como é costume dizer-se. Percebi mais que ele e sua família procediam de gente humilde. E por último vim a saber da boca deste senhor, que costumava atravessar muitas vezes o Atlântico sem

POSTAL DOS AÇORES

Lages, 12/11

Meus caros Rapazes:

Vai para vós ainda o meu pensamento ao endereçar este postal que estou a redigir no aeroporto das Lages antes de tomar o avião que me conduzirá a Lisboa.

Deixei há uma hora a ilha verde de S. Miguel onde me ficaram os olhos deslumbrados na peregrina beleza das Furnas. Mas o coração ficou-me nos Rapazes da Casa do Gaiato em Ponta Delgada. Como todos os da Rua, eles são ladinos, expansivos, e irreverentemente simpáticos. O *Fuseiro*, agarrado à rabiça do

O NOSSO FUTURO LIVRO

Está por pouco. É um livro tão outro, tão das nossas veias, que não ficará na da por ler, nem há de faltar quem leia. Vai ser o ponta a ponta. Todos sentirão dificuldade em suspender, uma vez começado. É o inédito.

O conceito de família não é grande, por vir na cabeça das Constituições; antes, a família foi posta ali por causa do seu valor intrínseco. Nada afecta a res publica como ela. Nada como ela toca o nosso coração. O verbo de Deus fez-se carne e viveu entre nós—em família. Eis. Deste simples advérbio, podem desfiar tratados os teólogos, os moralistas, sociólogos e juristas.

nunca ter tido a coragem de entrar com um automóvel seu no povoado. E com um discernimento equilibrado e verdadeiramente cristão, acrescenta: *parece mal. Nós não devemos ostentar*. Isto foi há quatro anos. Guardei na memória. Vi naquele homem os Princípios. O Indestrutível. O Eterno.

Por caridade, os que podem e sabem, devem aconselhar e orientar os homens ricos; e no caso de sacerdotes, todos somos poucos para ensinar aquela doutrina, que é a do Mestre.

Não tenhamos medo de dizer a verdade toda. Nem a fome, nem a nudez, nem perseguições, nem a morte. Nada. A Verdade vale mais. Se «Eles» por que ricos, nos virarem as costas como naquele tempo faziam a Cristo Jesus, deixá-los. Esperemos com paciência o seu regresso. Condescender, não.

arado, o *Alfacinha* e o *Zé Mau* a namorarem os bolos da mesa dos senhores, o *dr. Rosa* zeloso servente de mesa, o chefe, Rafael e muitos outros, são do tipo cem por cento gaiato que jamais esquecem.

Mas eu não vim tão longe para ver caras nem paisagens: por algo mais galguei o Oceano.

Deveis recordar o tribunal de Paço de Sousa, junto ao cruzeiro, em que o senhor Padre Elias fez a sua despedida; e vós outros os do Tojal, também recordais a última ceia em que ele vos disse adeus, para vir plantar nos Açores uma árvore que abrigasse sob a sua ramada, os vossos irmãos gaiatos destas paragens. Foi em Setembro. Passou-se um ano, e que veloz!

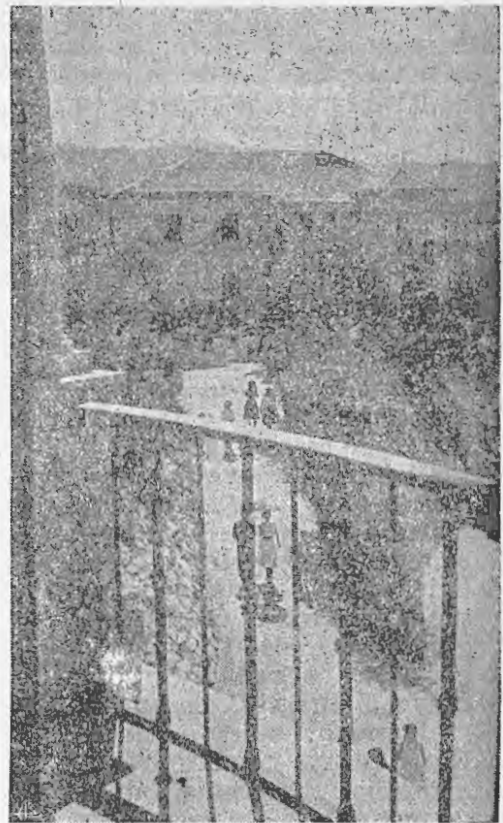
Pois eu vim verificar se o terreno vulcânico de S. Miguel era propício ao desenvolvimento desta árvore, se tinha pegado e se já se viam as flores, prenúncio de bons frutos.

É com indizível satisfação que posso comunicar vos, meus bons amigos, que a árvore pegou, lançou raízes, cresceu e mostra já trinta e seis rebentos prometedores de abundantes frutos.

As raízes encontraram terreno acolhedor no coração da boa gente da cidade e de toda a ilha. Incrível a simpatia que envolve esta casa. Se o Pai Américo aqui voltasse, havia de repetir o que outrora dissera do Porto: *Ai Açores, quando tarde vos conheci*.

Nos cafés, nos transportes, nos bairros humildes, nas casas de comércio, nas casas de família, nas ilhas distantes, no Paço Episcopal, nas reuniões das Autoridades, ouve-se falar constantemente com interesse e carinho da Casa do Gaiato. O Padre Elias teve o cuidado de plantá-la ao sol do Evangelho e à sombra da Obra da Rua Regou a com o suor do próprio rosto. Não é de admirar que tão depressa tivesse crescido. Quem agora a quisesse arrancar, ficaria esmagado sob o seu peso.

Mas surgiram tempestades! Elas são o selo! Uma estaca bastarda, plantada na mesma quinta de S. Gonçalo, pretende também aclimatar-se, crescer, esbracejar. Impossível. Penedo que fosse, como de carvalho secular, as raízes da casa acabariam por fendê-lo. Não é a ambição nem teimosia dum padre, é antes a força irresistível da Justiça. Pode o homem cair, a Justiça fica sempre de pé. «Mas o samaritano vence sempre». Foi assim no tempo de Gregório de Tours que mandou recuar para o mar um monte que estorvava; foi assim no tempo de Cotolengo e João



Se não fora dizer-se aqui, quem havia de suportar estas vistas, quase sumptuosas, são a Casa do Gaiato—quem? Os cedros. As avenidas. Os jardins. Colunas de rara beleza. Janelas de velhos solares. O porte dos visitantes no seu melhor e mais rico. A fragrância. A animação. O ponto. O escuro da mata. O verde dos campos. E muitas mãos postas na hora da Oração! Quem havia de suportar?

Campanha de Assinaturas

Têm vindo à razão de 500 por quinzena! O Avelino manda em cada tiragem acrescentar uma resma. Incrível!

Começa agora a inundação das províncias ultramarinas. São borboletas. São girafas. São peixes—terra, ar, mar. São, ainda, descobridores e missionários e heróis. E no seio de tudo, as listas dos nomes. Mais. Dinheiro. Dinheirinho. Os ultramarinos são despachados.

Brevemente começarão os portugueses residentes no estrangeiro. Um já veio. É da Rodésia. Levings-ton, ao pé das Cataratas de Victória. E assim vamos por toda a parte, nas asas dos ventos, dar de comer aos que têm fome.

Bosco que, de barracões móveis, vieram a construir cidades invulveráveis dentro duma cidade; foi também (assim) em Miranda, Paço

(Continua na quarta página)

O NOSSO JORNAL

Recebemos estas linhas:

«O adjunto vale de correio de 50\$000 corresponde ao pagamento da assinatura de *O Gaiato*, que comecei a receber neste mês.

Um admirador fervoroso dos redactores, de todos os redactores, desse periódico, e da grande obra a que corresponde

Damião Peres.

Assina Damião Peres. E um quase incógnito, de sábio e modesto. E pobre; assim o diz o papel aonde vinham aquelas linhas, a quantia, tudo. O dinheiro nunca foi sangue de intelectuais. Ele diz-se um admirador de todos os redactores deste periódico e esta nota, por vir de quem é, merece ser um documento para os meus sucessores. E preciso que eles não tirem nunca do jornal a caneta dos *Zé da Lenha*, *Daniel Corre*, *Papagaio*, *Hélio* e todos os mais que foram, são e hão de ser. Aquele meu não tirar a caneta quer dizer respeitar a matéria e a forma de redactor. Ninguém como eles! As deficiências de sintaxe constituem perfeição. O estilo é a graça. A ideia, uma revelação. Que os meus sucessores assim julguem e cumpram.

Depois, sejam atentos. Não aceitem colaboração de estranhos, por mais sábios, competentes ou generosos; não aceitem. Seria a morte de «*O Gaiato*». Se não morresse, era apenas um tolerado. Um mais um. Quem não escreve com a alma toda, não impressiona. Não pode escrever com a alma toda quem não ama. Quem não for da Obra, não a pode amar. Eis. Não chamem, nem aceitem jamais colaboração. Tenho botado ao cesto muita coisa disso.

Finalmente, os anúncios. Outra grande tentação e esta quase invencível, pois que as melhores Revistas católicas, os melhores Boletins, os semanários, os quinzenários; tudo, todos. O anúncio é amoeda.

Ora «*O Gaiato*» nasceu no púlpito e tem de continuar a vida pregando os interesses superiores do homem. Para isso, necessita de todo o espaço, todo o tempo, todas as palavras, todos os sinais. Mestre, outrora, na sua vida pública, rejeitava ser parte ou juiz nos interesses materiais de quem quer que fosse. O anúncio seria uma nódoa no papel do jornal. Uma usurpação. Os nossos leitores, todos os nossos leitores, esperam a quinzena como se fora um remédio para os seus males. Ajuda dos seus problemas interiores, máximas tragédias, tédios de viver. Que desconforto, se em lugar de tudo isto, lhes dessemos parte do restaurante que acaba de ser posto ao público! Não. Não senhor. Nem colaboração nem anúncios. Nós e os

(Continua na 4.ª página)

PATRIMÓNIO DOS POBRES



Não é que os olhos dos nossos leitores não tenham já visto muitas, mas a mim, parece-me sempre melhor a derradeira; tal como a mãe de muitos filhos, que esquece o semblante dos mais, ocupada inteiramente com o que ora lhe nasceu! Estas são de um grupo recentemente entregues a pároco e comissão.

Não me furto nem me tenho que não diga aos meus leitores do heroísmo de uma família, cuja mãe é o centro. Foi ela mesmo quem lutou pela casa que hoje habita, para retirar e salvar marido e filhos da incrível pilgria aonde eram. Visto como não havia ali nenhum traste capaz de ir para a nova moradia, ela deu em tirar esmolas pelo povo, tendo conseguido algum dinheiro, que guardava religiosamente entre farrapos. Eu passava. Perguntava quanto já tinha, pedindo-me ela que o trouxesse comigo. Eu tomava o envelope, via quanto e dizia *guarde*. Compreendia perfeitamente a tentação da mulher; nove bocas a pedir pão... O tempo urgia. Aproximava-se a data da mudança. O dinheiro tinha aumentado um nadinha. Ela iria comprar, mas antes de o fazer diz-me angustiada: *leve o dinheiro que eu já tirei vinte mil reis*. Devia tê-lo retirado todo, tantas as necessidades inadiáveis da família. Mas não. Até ali tinham passado. Aquele dinheiro tinha o seu fim. Não era dela. Não lhe podia mexer. Pedem-me que a ajude a ser forte e sem mim o foi. Só tirou vinte escudos! Heroísmo.

Mas há mais. Ela dá muito mais. Os pobres têm sempre muito que dar. Foi o caso que um vizinho lhe oferecera um alqueire de milho e ela tinha também entre farrapos, numa saca de riscado, a preciosa oferta. Os filhos sabiam e pediam-lhe pão. Uma vez que ali passei, eram seis à roda dela. Foi então que eu vi e soube de mais heroísmo. *Se o mando moer*, disse-me ela, *nós não resistimos e eu quero dar a cada filho uma fatia de pão no dia em que mudarmos*. Tinha ali o milho guardado. Sem recursos ou esperanças de mais nada, queria festejar a hora na companhia dos seus. Um bocadinho de pão! Condenação dos *Banquetes*... Que belos episódios! Sublimes revelações! Ainda que por mais nada, isto era suficiente para justificar a obra do Património.

Acabamos de escrever ao pároco de S. Martinho do Bispo, Coimbra, a quem pedimos para andar muito depressa e assim vermos na próxima festa da Páscoa, duas casinhas de pobres num terreno feito de cortes de estradas, pela Junta Autónoma das mesmas; e já pedimos mais terrenos em idênticas circunstâncias. A nossa obra está no mundo com o fim de aproveitar aquilo que não presta; rapazes abandonados, terrenos abandonados. Nós somos os lixeiros de Portugal. Assim nos escutem as autoridades e,

sem sermos pesados a ninguém, de coisas pequenas e inúteis, produzimos verdadeiras riquezas. Que o padre Júlio se mexa no altar e fale ao seu povo à estação da missa. São os padres, nomeadamente os párocos. São eles os obreiros qualificados deste movimento sem par.

Estiveram aqui hoje dois de duas freguesias dos subúrbios do Porto. Eles vão fazer casas. Um conta-me que passara muitas vezes junto de uma pedreira e nunca imaginou que fosse casa de habitação uma barraca de ali ao pé. Um dia, chamado para visitar um doente, viu que era.

O homem ia morrer. O sacerdote ajoelha-se, pois que doitra forma não cabia. Vem o caixão e teve de fazer fora da porta as vinte e quatro horas do estílo! O povo lamenta e discute. Eu disse a este meu colega que nisto tinha matéria suficiente para um bairro de vinte e cinco casas. Para tanto bastaria deplorar o caso à hora da missa, no meio do seu povo. Se muitas já feitas, se muitas mais se vão fazer é só porque a condição do pobre se vai divulgando. Por mais nada.

Toda a gente sabe da grande festa que a cidade de Braga fez a nove famílias de 50 membros, dando a cada uma, por toda a vida, casa decente aonde morar. Toda a gente sabe. Tive pena de não poder estar, mas fiquei muito contente por me terem convidado. Outra vez contente, e aqui mais, por ter visto no relato dos jornais uma fotografia aonde, entre outros, era o sr. Arcebispo e o seu vigário geral. Os dois. De qui se pode inferir a importância que deu ao caso a primeira Autoridade da Igreja. Pudera ter vindo só um. Pudera ter vindo só outro. Não; estiveram os dois! Eu vi a fotografia. Nas altas funções sociais há sempre bem um bispo. A Igreja é de todos. Melhor dizem em funções desta natureza.

UMA NOTÍCIA

Com este título e no derradeiro número, vinha um apelo às gentes de Coimbra, que olhassem para as *Criaditas dos Pobres*. Deu-se o que é natural; elas encheram as tulhas! Porém, não basta. É muito pouco. Quase nada. O que é preciso é alguma coisa de mais força do que o tempo; — Perseverança. É não qualquer, mas, sim igual à delas, *Criaditas*. Doutra sorte, é semente caída no pedregulho...!

Elas aí estão! Vinte anos de Renúncia não as cansa. O que não têm visto e sentido estas mulheres heróicas, no trato com o mundo do tugúrio; elas que são de outro berço e de outro sangue! Costumes, palavras, conceitos. Casos e coisas monstruosas. Elas aí estão!

Cada dia é um começar. Desânimos são esperança. Elas dão o exemplo. Resistem à erosão. São o nosso caminho. Perseverança. A nossa tem de ser assim ou não é.

Vamos, pois, ao que importa. Aquilo que cada um puser no seu

AGORA

A frente vai Lisboa, com 500\$. Logo atrás, é uma Bracarense ausente da sua terra, com 100\$ muito apaixonada. Ao lado, é a 8.ª prestação, mil. (*Deus assim o quer*.) Feliz o homem que se conforma com a vontade de Deus; esse não sentirá jamais a desordem interior. O Pessoal da *Chenop* toma com 225\$50. O *Mço* do Porto que prometeu poupar 20\$ por mês aqui vai. Tira-o ao seu t.bico. Seja ele quem for, é um dos grandes obreiros. Portalegre enfileira com igual soma. Moscavide leva 50\$. O «*Jovem rico*» tem a sua casa quase no fim, com 3 contos que ora deu, um nadinha mais e aí a temos. Nem todos os jovens ricos voltam costas, quando o Mestre os convida...! O Porto dá mais 500\$. Coimbra 100\$. A seguir é uma *Universitária* daquela cidade. Vila Moreira de já dar uma casa, para o que envia a primeira pedra de 100\$. Ao lado, é um *Casal Amigo* com 1.213\$10. A conta é imp. r mas eles não. Coimbra outra vez 100\$00.

No seio do Pessoal da Companhia Portuguesa de Celulose, anda grande alvoroço por uma Casa. Eles querem entriquecer o Património dos Pobres com mais uma moradia. Casinha individual com sua placa a dizer quem deu. Eu cá não sei de outro remédio para as nossas torturas, do que isto de irmos buscar o bem aonde e como o tivermos feito; e se não achamos nada, oh NADA! Os assinantes naquela Companhia, contam-se por dezenas e dezenas. Há já um que vá em roda com papel e tinta, colha nomes e dinheiro, oiça o sim e o não e verá a casa feita. Há dias, vindo de Aveiro, passei à ponte do Vouga, altas horas da noite. Muito longe, e eu via não sei que luz projectar-se nas alturas da escuridão. Mais perto, maior o enigma. Chego em frente, dei com ela. O edifício era montanha de luz, repartida por andares e estes por janelas. Riscos de beleza! E prossegui muito contente. Companhia Portuguesa! Tudo quanto seja daquele nome é nosso. Pois que venha a casinha quanto antes. O de papel e tinta dê volta, também, pela Direcção, e fale lhes um nadinha mais alto, por causa da cera...

Para fecho da procissão, demos lugar a um Senhor do Porto; que antes me dera duas e ora torna. É no Palácio do Comércio. Quando este abriu, um dia que tinha horas, aproveitei para ver. Procurei um dos portais começo a subir e a saborear. Ia no quinto degrau, quando o porteiro me pergunta quem é que eu procurava. Na verdade, eu ia ver, e isto lhe disse. O homem mandou-me descer e eu cumpri. Não vi nada. Ontem não. O portão era outro. Porteiro outro. Não quis tomar elevador. Subi. Grandioso e sóbrio. O risco. A proporção. O aproveitar espaço. Os materiais. Dá gosto. Mais; educa o pessoal dos escritórios. Pois foi aqui, cheio destas boas impressões, que fui colher uma óptima. Mais duas casas do Património, de Quem tinha dado, já, outras tantas! Só assim. Só desta maneira podemos nós construir e ajudar outros. Bendito seja o Senhor Deus de Israel, que vai buscar o que não presta para realizar obras de tanto préstimo.

coração, dê. Cada um que escreva pouco, para se não enfadar. Os encarregados da cobrança não faltem. As entregas, leais e a tempo.



Tornei. Melhor, tornamos. Avelino ia mais eu. Entra-se por uma loja, aonde uma mulher vende craves e fruta, sentada num banco, entre um mundo de cestas e tabuleiros. Ao fundo é a porta que diz para os andares da casa. É tudo escuro. Ouve-se o ranger dos degraus à maneira que subimos. Por não haver corrimão, encosta-se a gente à parede. Já não tem c. l, de tantos fazerem o mesmo. São casas quinhentistas. Eram grandes naquele tempo e quem lá morava também. O Barredo teve seus pergaminhos. Mais dois andares e eis-nos no seio da família que procurávamos. Nada a acrescentar. Nada a diminuir. Não vale dizer mais uma vez aquilo que há vinte anos aqui se vem repetindo. Não vale a pena dizer. Descemos com o mesmo cerimonial, para usar o termo das grandes recepções. Atravessamos a rua. Entramos num beco. Vimos a heroicidade. A dona da casa é mãe de filhos; tinha na cama dois pequeninos. Ao pé, noutra cama, está a mãe dela. Quis-me mostrar mas eu não quis ver. Eu não quero ver. Um cancelo! Por mais vulgar que se vá tornando, é sempre medonho! Ao pé desta cama, sentada numa cadeira, era uma mulher cega e demente. É irmã; irmã da dona da casa. O seu marido é ourives e trabalha, segundo ela, três dias por semana. Isto deve ser verdade. Em muitas cartas, todos os dias, de muitas terras e há muito tempo, eu ouço o mesmo clamor. A dona da casa aponta uma fotografia suspensa na parede dizendo-me é *aquela*; e aqui temos a heróica. Trata a mãe cancerosa. Trata a irmã cega. Limpa as duas porque elas não o podem fazer.

Cuida dos seus filhos e de seu marido e ainda por cima, nos dias em que ele não trabalha, vai ela dá-las a esfregar casais! Em menos de cinco minutos escutei e vi o quadro. *Ainda hoje não acendi o lume*. Eram três horas da tarde. D. is filhitos na cama. A mãe cancerosa. A irmã cega. Ela na minha frente. *Ainda hoje não acendi o lume*.

Um nadinha mais abaixo fomos encontrar pior! Sim. Pior! Aprendamos. Ninguém tome o seu estado como a última palavra. Ali pesto, sem o sabermos, há pior. Ninguém se queixe da sua cruz por pesada. A do vizinho pesa mais. Isto é assim na ordem da natureza. Na ordem da Graça há graus, sim, de plenitude. Mas continuemos. Estamos no Barredo. Não é sítio de filossafar. Aqui é lugar de fome. Subimos ao primeiro andar. A meio das escadas e já se ouvia tossir em cima, no patamar. Olhamos em redor e só vimos o vão da escada. Era ali. Entrei. Avelino quis mas não cabia.. Uma moça estava no leito. Muitas caixas de remédio. Louça muito suja. Despejos por fazer. Mau cheiro. Ela tossia. Não podia falar. Pela prática que tenho, sei que é na garganta. Tenho visto assim muitos casos. A todos os outros males, justamente mais este; querer e não poder falar. Aos pés daquela cama, naquele sítio imundo, estava uma criança. Olhei para ela. Terá uns cinco anos. Ofereci-me e quis trazê-la comigo. Ela não quis. Como, se tinha ali a sua riqueza— a Mãe! Renda? Sim. Renda daquele espaço? Sim senhor. Cento e cinquenta escudos por mês, pagos em 30 prestações de cinco deles. Mas isso não será um caso insolito? Não senhor. Não é. Isto é a terra. A começar nos arcos de Miragaia até à ponte do combóio e a cobrir os terrenos da grande Escarpa, dificilmente se encontra uma casa (eu nunca vi) que não tenha as salas repartidas, os quartos divididos, os vãos ocupados, os prtaes cedidos, e as rendas monstruosas. Mas estas coisas não se sabem? Sabem sim senhor. Todo o Porto o sabe. Vai ali a Polícia. Vão Médicos. Sacerdotes. Funcionários. Toda a gente sabe. Entã ?!



Nenhuma destas crianças trazia cara lavada. Hoje, sim.

POSTAL DOS AÇORES

CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAG.

de Sousa e até o Tojal onde, quantas vezes, temos de abrir caminho a golpes de Justiça.

E não merecem estes Rapazes que lhes abramos também o caminho mesmo à custa da própria vida? Basta saber donde vieram.

Visitei os bairros pobres de Nateiro, S. Roque, Caranguejo e Curral Não ficam a dever muito aos congéneres de Lisboa, Porto, ou Coimbra. Caranguejo é um rochedo sobranceiro ao mar, onde os pescadores, à falta de melhor, construíram os seus tugúrios. Há compartimentos com duas e mais famílias. Geralmente todos dormem no chão num espaço sobrado. Não há colchões nem cobertores. Vale-lhes a natureza que teve o cuidado de temperar-lhes o clima. Um bairro de cem casas pequeninas mostra-se ainda insuficiente. Contudo a Ilha de S. Miguel é a maior e a mais rica. Vêm-se extensos prados povoados de numerosas vacas, propriedade de ricos senhores. Terrenos à venda são pelo preço do volfrâmio em tempo de guerra, inacessível aos pobres e remediados. Por isso eles têm de contentar-se com umas penhascos pendentes sobre o mar. A culpa é das vacas...

Estou a escrever-vos estas linhas sobre os joelhos, no redondo do hall do aeroporto. Acaba de aterrar um monstro carregado de marinheiros americanos. As pistas de três quilómetros são já pequenas. Trabalha-se com afã por estendê-las e alargá-las até sete quilómetros. Ainda não há muito que nesta planície, dividida equitativamente pelos habitantes da região, pastavam mansas vaquinhas; agora tudo mudou.

Por causa daquelas que em S. Miguel dispunham de latifúndios largos, estas, na Terceira, perderam a estaca a que estavam presas por uma perna.

No campo da mansidão de outrora, agora um campo de Marte. O perigo que vem do oriente está já aqui. Toquei-o com as mãos. Ao lado de luxuosos clubes ame-

Mais 300\$ do Porto. Mais 250\$ de Lourenço Marques. Mais 100\$00 de Algueres. Outro tanto de Nisa. Cinco contos de Peso. Mais um saco de castanhas de Viseu. Mais delas do Alto Douro. Mais 500\$00 de Lisboa do pai da Ninita. Mais cinco libras de um residente na Rodésia. Mais um enxoval de Lisboa. Mais 10\$00. Mais 100\$ de Mira. Mais 20\$00 da Corina. Mais roupas de Mafra. Mais 20\$ do Porto. Mais 1.000\$00 do Porto.

ricanos, que nos deslumbram, numerosas cabanas de micaelenses que nos envergonham. A culpa é das vacas.

Ai, se os homens, em vez do amor cantado nos fados, compreendessem e vivessem o Amor autêntico do Evangelho... As vacas dos latifúndios voltariam à estaca, a suficiência aos pobres, na casinha o pão e trabalho para cada um e a paz para todos. Até a Casa do Gaíato perderia a razão de existir. Mas um lume novo está por aqui a crepitar. Padre Elias é um incendiário.

Um Padre deu já o terreno para a primeira casa do Património dos Pobres. Alguém deu o dinheiro. Começou pela Igreja portanto o início da reforma. Dela há de vir a salvação. A vida da Obra está garantida. Parto contente.

Já disse ao Padre Elias que levantasse, na quinta, um cruzeiro para se abrigar à sombra dele, quando começasse a sentir ao longe o rugir da tempestade, porque obras destas não se fazem sem procelas. E pronto.

O homem das bagagens está a chamar por mim. Ainda bem, senão dificilmente acabaria este. Adeus, até à vista.

Padre Adriano

FALA O CHEFE

do Lar do Porto

Depois duma longa ausência das páginas do nosso jornal, eis-me de novo em contacto com elas. Esta reparação baseia-se num desabafo alto e sublime: a *confusão*. Quem conhecer a fundo a nossa Obra não se escandaliza com o termo empregado. Mais do que nunca, o Lar do Gaíato do Porto é agora uma verdadeira confusão. Quarenta rapazes, cada qual com o seu mister, com as suas necessidades, com os seus defeitos, com suas qualidades e em idades diferentes, acreditem, leitores amigos, que o caso se apresenta de veras confuso. Como não admitir no meio de tudo isto uma ou outra *desorganização*? Aliás, todos sabem de antemão que a Casa do Gaíato é uma desordem ordenada. O esteio deste Lar não é capax, só por si, de suster toda a ramada. Todavia, esta sua incapacidade jamais o leva ao desânimo: busca o auxílio dos esteios superiores e avança destemido de encontro às tempestades da vida.

Distribuídos por duas casas, em virtude da pequenez duma só e da necessidade de separação dos maiores, os rapazes sentem a acção da mesma mãe—a Obra da Rua—solicita a resolver os problemas que se lhes possam deparar. É assaz espinhosa a missão maternal. Em qualquer modesto lar e ainda que o número de educandos seja reduzido, prete-se homenagem aos educadores que souberam desempenhar a sua acerbica missão. Deles depende a posteridade; deles depende a resclução dum mundo são e honesto. Pensassem a sério os grandes estadistas numa remodelação deste género, e as armas atómicas e d mais máquinas destruidoras da humanidade seriam banidas por com-

(Continua na quarta página)

Notícias da Conferência da Nossa Aidola

Natal. Festa da Família. Festa dos Pobres.

Contamos, na véspera, levar aos Pobres da nossa Conferência a Consoada. O bacalhau, as batatas, o azeite, uma regueifazinha; enfim, um pouco do mimo de todos vós.

Hoje é dia 19, data em que *O Gaíato*, principia a ruminar nas almas—a consolar os Tristes, a defender os Inocentes.

Até 25 faltam 6 dias. Tempo mais que suficiente para um rebate de consciência. Os mais atrasadinhos se se decidirem, em última instância, há os vales telegráficos. Eis uma solução. Na papeleta do correio apõe-se na parte de cima a importância por algarismos e por extenso um pouco mais abaixo; passa-se em nome da Conferência de S. Vicente de Paulo da Casa do Gaíato de Paço de Sousa e pronto os Pobres têm Consoada.

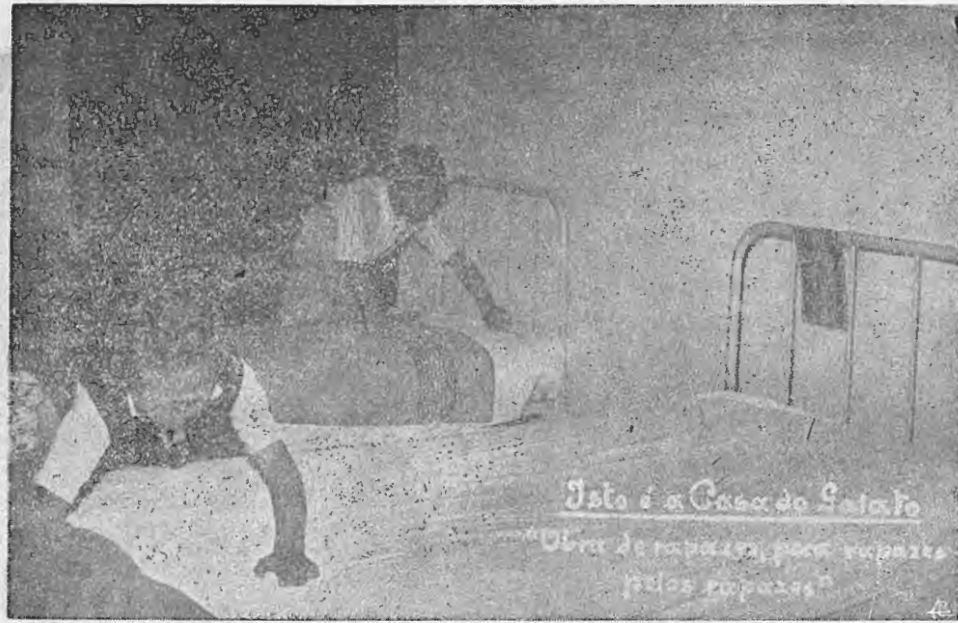
Se poucos escutarem o nosso apelo, Deus os ilumine e lhes dê coragem para dar com generosidade.

Aqui fica o recado dos vicentinos de Paço de Sousa.

Júlio Mendes

Do que nós necessitamos

Mais uma carapuçada de contos da cidade de Joanesburgo. Dantes ninguém lá ia em menos de trinta dias. Hoje é num instante. Não temos queixa nenhuma e muitos senhores coviram o nosso apelo *Inverno*. A Covilhã, terra dos agasalhos, teve longa representação. Que nunca ali falte trabalho para bem de todos. Mais roupas de Leiria. Mais 100\$00 do Porto. Mais 600\$ da Maria Valle. Mais 150\$ de Tomar. Mais um pacote de roupas aonde não falta o piedoso aviso *é de gente saudável*. Mais 50\$ de Pinhão. Mais 600\$ de Lourenço Marques. Mais 400\$00 de Benguela. Mais 20\$ de Aveiro. Mais uma encomenda de Taviã. Mais 20\$ do Porto. Mais 50\$ de Reguengo do Fetal. Mais da Casa da Ordem 100\$ Mais 300\$ de Benguela. Todos os dias temos aqui em cima da mesa vilas e cidades e aldeias do nosso mundo ultramarino. Mais 5 pacotes do Lobito de um casal que chama ao *Gaíato* o *melhor jornal do mundo*. Alto lá! Aqui não se pode dizer isso por causa dos outros jornais...



Se não for feito por eles, não tem graça nenhuma. Ai-da que mal, é sempre bem. Não é trabalho pago. Eles são amadores. Pequenos amadores. Quando chegar à hora da profissão, vão-se embora executá-la noutras terras, com outras gentes, por outras maneiras.

PAÇO DE SOUSA Depois de um período de inactividade, o nosso grupo de honra de futebol voltou a exhibir-se no nosso parque de jogos.

O adversário foi o Sporting Clube de S. Martinho de Campo (Valongo), tendo o nosso grupo alinhado da seguinte forma:

Rogério; Augusto e Nicolau; Prata, M. nel e Sérgio; Abel. (na segunda parte V.L.T.), Malaia, Agostinho, Inácio e Carlitos.

Os nossos golos foram obtidos por: Malaia, Sérgio e Agostinho (2).

Os jogadores mais em destaque: Sérgio, Agostinho e Prata. O golo mais bonito foi obtido por Agostinho que driblou toda a defesa incluindo o guarda-redes.

Do S. Martinho, o avançado-centro merece especial referência. O jogo terminou com o nosso grupo em vencedor por 4 a 3.

No dia 5 do mês corrente, estive na nossa aldeia a Sra. D. Laura de M. cieira, S. João da Madeira, com algumas pessoas de família. Tudo que pode arranjar e tanto tem sido é para a nossa obra.

Quando o Lar de S. João da Madeira estava aberto era ela a alma e alegria da casa!

Agora agradeço ao Senhor Octávio Barroza, o maior amigo dos sportinguistas da Casa do Gaiato, o envio de duas excelentes bolas de futebol, com as quais temos feito vários desafios renhidos.

Os nossos sinceros agradecimentos ao prestigioso dirigente do Conselho Técnico Desportivo do Clube Leonino e um viva entusiástico ao grande SPORTING!

Quanto a selos, tenho ficado a ver navios, mas em paga tenho recebido alguns jornais para a minha colecção. Agora fico à espera que os nossos amigos me enviem mais jornais, sejam de que espécie forem.

O nosso doente Caetano, adepto do simpática «BELENENSES», já está melhor e esperamos que dentro de pouco tempo saia da cama, para bem seu e alegria nossa.

Ainda cá temos alguns exemplares do livro «O Barredo». O livro que atrai pelo seu belo aspecto gráfico e que faz abrir os corações, por mais duros que sejam.

Não admira, é uma inspiração do Divino Espírito Santo.

O Ovo de Colombo, verdadeiro guia do Património dos Pobres, já vai bastante adiantado. O prelo gime com a sétima folha. Muita leitura e muitas gravuras e ao preço insignificante de dez escudos, que está ao alcance de todas as bolsas.

Ao pedido que aqui fizemos, para nos enviarem roupas e calçado velho para os pobres, que de todas as províncias e distritos nos vêm cá ter, ninguém atendeu, mas espero em Deus que daqui para o futuro se lembrarão.

Agora não temos jogado o oquei, a não ser de longe a longe.

Continuação da 3.ª Página

pleto da face da terra. Reparem, senhores amigos, que isto não é uma nova doutrina, é a transcrição pura e simples do Evangelho.

Uma única finalidade tem este meu desabafo—pedir. Pedir, não só o auxílio material mas também (e este mais do que aquele) o auxílio moral de que todos carecemos. Em cada guiato que virdes empregado, vede nele uma alma que outrora parecia condenada à lama; hoje é discípula mais directa de Cristo e candidata à Sua eterna companhia. Dispensai-nos, caros leitores, os vossos conselhos e o vosso carinho pois é imprescindível a vossa cooperação. Na rua, no emprego em toda a parte onde sejamos, guiá-i-nos para a Luz.

Carlos Indólo

No fim do mês passado, o S. C. da Tipografia defrontou a Carpintaria e venceu por 17-9, mostrando evidente superioridade. Os nossos melhores foram: Valeta e Malaia.

—Está à beirinha o Natal, que este ano promete ser dos mais brilhantes, pois todos os dias nos chegam encomendas das mais diversas lambarices. Temos também o nosso grupo cénico em grande forma e no fim missa do galo cantada pelo nosso orfeon comandado pelo popular Sejaquim.

Nestes poucos dias que faltam, não se fala noutra coisa que não sejam as rabanadas, as filhoses, se o prato das batatas vai ser cheio e se há geleia.

Aos miúdos ouve-se com muita frequência

PELAS CASAS DO GAIATO

dizer: vou trocar as rabanadas por batatas, as filhoses por vinhos e guardo a geleia para outro dia. Ou isto não seja a Casa do Gaiato.

La me esquecendo de dar as boas festas aos nossos leitores e eles assim não animavam.

Daniel Borges da Silva

LAR DO PORTO Conferência—Uf... Que friol! Eis o clamor dos nossos pobres. Inverno, e com ele o frio intenso que tanto os faz sofrer. Pareço estar a ver seus filhos todos aconchegados uns aos outros quase desaparecendo na cama do seu colchão! Seis numa cama, sem roupa, aquecidos apenas pelo calor da palha! E logo manhã cedo levantam-se, tiritando de frio e descalços. Vão lutar pelo pão que precisam de comer. Os mais pequeninos rodeando a saia da mãe enquanto esta faz a sopa, chegam-se para o fogão. Quase nus; metem dól! Passado revista às camis, mostram-me umas serapilheiras com que se cobrem 10 pessoas! A fome, o frio, a doença de uns e a precária saúde de outros, fazem-me pensar:—Meu Deus, como é possível seres humanos como nós, dotados da mesma inteligência, possuidores do mesmo sangue, viverem em cortelhas e barracões, pior que os an mais, passando privações sem fim? Nem um conforto moral; nem uma palavra amiga; tudo amargo, até o seu pão! E, pensando ao mesmo tempo, que em casa de cada um de vós, nada falta, desde o conforto do vosso lar ao almoço bem servido, continuo a pensar:—Como o mundo anda mal repartido! Talvez que o grande mal se encontre no desemprego. É um facto o desemprego em Portugal e a atestá-lo está o número sempre crescente dos desempregados. Mas também é um facto, que enquanto uns absorvem cinco e seis colocações em diversas empresas, outros não conseguem colocação. Porque? Porque os primeiros tapam o caminho aos segundos e lançam a fome e a ruína numa casa de família. A falta de trabalho é o inimigo número um dos nossos pobres. Ai se eu tivesse trabalho como eu saberia bem governar o meu barcol! Assim se pronunciam.

Vede amigos leitores, se no fundo da vossa arca, ao canto do vosso guarda vestidos ou pendurado a qualquer canto da vossa casa, se existe um farrapinho, um feto ou uns sapatos, com que possais cobrir o corpo destes infelizes. Não te esqueças amigo leitor e se quiseres vem comigo para te certificares da verdade e possas dar mesmo pela tua mão. Vem caro amigo que eu te mostro isto e muito mais, pior, inacreditável.

Vem aí o Natal, e vê se com o teu bafo tal como fizeram os jumentos a Jesus, se consegues aquecer os corpos destes esquecidos do mundo e só lembrados por Deus.

O ano passado tivemos uma boa remessa de cobertores, alguns dos quais ainda cobrem as camas dos nossos pobres. Mas já estão velhos e é preciso substituí-los. Que bom seria que

alguém se lembrasse de fazer o mesmo este ano.

Antes de terminar eu quero lembrar a todos os nossos amigos e leitores que atravessamos um período muito difícil. Não temos dinheiro e estamos pela primeira vez, na vida da nossa Conferência, em «déficit». Não podemos deixar de continuar a socorrer os nossos pobres, nem tão pouco diminuir-lhes a esmola. Não temos força moral para o fazer visto sabermos bem do quanto eles necessitam. Temos uma cancerosa que a pedido do nosso Pai Américo estamos a dar-lhe 50\$00 por semana; temos outra velhinha a quem damos 10\$00; temos vários pobres a quem pagamos a renda de casa. Os demais têm fome, precisam de comer. Que fazer? Deixar que a cancerosa vá outra vez para a rua pedir? Deixar que os beneficiários na tenda vão para a rua dormir? Cabe a vós amigos leitores responder. Que cada um faça o seu exame de consciência, e nos acuda.

Eu tenho pena de sempre que escreva ter que pedir, é que salvo raras excepções não faço outra coisa. Já houve até quem me chamasse pedinchão pelo que deixei até de escrever algumas crónicas. No entanto resta-me a consolação que o que pouco nada reverte em meu favor mas sim em benefício dos pobres do Barredo. A minha vontade não era pedir mas sim clamar bem alto e a bom som que um certo número de coisas com que nós, Vicentinos, deparamos dia a dia não estão certas, nomeadamente como certos pobres vivem, sendo seres humanos como nós.

Aqueles que no inverno, em plena noite acordam, atulhados de água até à cinta, porque a sua casa (!) encostada a um enorme penedo que entra por ela dentro, gorjita água e os afoga ou os maltrata, são a onda dos martirizados que tudo sofrem e poucos lhes acodem.

Termino julgando dizer tudo, mas não disse nada—tal o espectáculo do Barredoll até à próxima.

P. S.—É já pela segunda vez que recebemos quinhentos escudos de Mcçambique. Bem haja, minha senhora, e que os outros leitores a tomem por exemplo.

Carlos Veloso da Rocha

LAR DE LISBOA Conferência—Caros leitores. A nossa Conferência está a funcionar com 4 pobres, e qualquer deles com filhos em grande número.

Mas subscritores é que só temos três, e não nos chegamos porque estamos sempre em «déficit», e agora está a chegar o Natal e não podemos dar esmolas abundantes visto não termos dinheiro suficiente para podermos auxiliar mais os nossos irmãos Pobres que tanto merecem o nosso auxílio. De todas as Conferências das Casas do Gaiato é a nossa a única que se apresenta mais esquecida.

Mas nós não queremos ficar atrás das outras Confe é cias, e para isso é preciso um mínimo auxílio de vós caros leitores, se todos vós puderdes ajudar, nós teremos uma grande Conferência cá no nosso Lar que deixa de ficar atrás das outras, e assim ficamos a trabalhar todos para o mesmo fim que é cumprir à risca o dever da Caridade para com aqueles que estão dia a dia a pedir-nos auxílio. Desde já muito e muito obrigado a todos vós, e não se esqueçam dos pobres de Lisboa.

—Caros leitores, o nosso Lar está aberto quase há um ano, e até hoje estivemos à espera que algum de vós se lembrasse de oferecer uma telefonia, e um ferro eléctrico, para passarmos as nossas roupas, a fim de nos apresentarmos bem engomados diante de vós, quando virmos vender o Gaiato às portas das igrejas. Pois se algum dos leito es tiver algum destes objectos esquecidos e nos queiram fazer felizes com eles, é mandarem-nos para o nosso Lar, que nós apreciámos muito as vossas ofertas; se assim for desde já agradeço em meu nome e em nome dos meus colegas. E até à próxima se Deus quiser.

Carlos Alberto Lopes

TOJAL Chegou o tempo das laranjas. As nossas laranjeiras e tanjerineiras estão bonitas. Estão mesmo a tentar o nosso Peixoto. Ele não se contenta com as que lhe dão à merenda. Ao ir para o trabalho ou para o campo, olha para elas e toca a comer quantas lhe apetece. O que é certo, é que ao tocar para o almoço, vem o bom do Peixoto a queixar-se com dores de barriga. Vamos a ver se esta lição lhe serve de emenda. Assim servisse aos outros também.

—Voltamos hoje a falar da nossa Conferência. Temos um pobre em Piteus que passa

bastante mal. Tem uma barraquinha, que está na última e está muito esburacada por todos os lados. Agora neste tempo de chuva e frio, como é que ele não passa. Como a barraca fica com a porta voltada para a serra, a água vai pela casa dentro. Quantas e quantas vezes, ele está a limpar a casa e se molha todo. Como é dura a vida dos que sofrem. Só quem é pobre é que sabe o que é o sofrimento.

Nós já pedimos a um senhor visconde, um terrenozito para se fazer uma casa para ele, mas não conseguimos nada!

—Já estão concluídas mais duas casas do Património. Os pobres a quem elas estão destinadas, vão ocupá-las brevemente.

—Estamos às portas do Natal, já recebemos umas doze camisolas, mas isto não é nada para certo e vinte rapazes. Também precisamos de flanela e de cobertores, porque os rapazes do casal agrícola só têm umas mantazinhas e passam frio. Nós como sabem não pedimos por pedir, não.

—Fizemos com muita solenidade a festa da Padroeira de Portugal. O Sr. Prior ornamentou a sala com muito bom gosto. Para o ano já há-de ser na nossa Igreja. Houve missa cantada e 4 rapazes foram baptizados e 20 fizeram a 1.ª Comunhão, foi um dia de alegria. Mataram-se dois leitões, houve vinho e arroz doce. A nova festa vai ser na noite de Natal.

João A. Gouveia Marques

A Venda do Jornal

EM A'GUEDA ...

Depois da carreira que Águeda estava a levar, deixou-se ir a baixo.

Cheguei como habitualmente às 10 horas da manhã. Fui à primeira missa e vendi 7 jornais. Na segunda vendi mais 5 e com mais alguns cheguei ao meio dia com 48 jornais vendidos. Fui comer a casa da Sr.ª D. Maria Aguiar, onde comi muito bem. Depois fui vender novamente e cheguei à noite com 72 vendidos.

Fui em seguida pedir ao polícia se me arranjava um carro particular, que me trouxesse até ao Porto, ao que ele respondeu: vai pedir ao Sr. Bastos, visto que só a ele deitaste no jornal que te arranjava boleias por isso, ele que te arranje. O remédio foi vir embora para a camioneta e largar o dinheiro que não era muito, mas o remédio foi pagar o bilhete e sem resmungar.

Ando a ver se arranjo a meter um rapazito de Águeda cá na casa, e a ver se arranjo novamente um passaporte do Porto para Águeda. Deus queira que a Sr.ª do Sr. Oliveira ouça estas minhas palavras, e que sejam bem guardadas.

—Falando agora um pouco do Porto, não sei o motivo porque no campo do Boavista não temos entrada de graça. Não será isto do conhecimento dos directores? Será má vontade da parte dos porteiros dizendo que a Federação não autoriza como me aconteceu em Viseu?

Da Federação decerto que não é, e se é, que ponham os olhos em nós. Se é com os directores, que sigam o mesmo caminho, porque em toda a parte nos deixam entrar, tanto em cinemas como em futebol. Vamos a ver.

Manuel Figueiredo (Risonho)

... E VIANA DO CASTELO

A viagem é sempre muito agradável! Em qualquer das deslocações efectuadas a esta cidade, é realmente raríssimo não haver assunto que nos mereça perder um bocadinho de tempo.

O hospitaleiro nesta cidade tem sido o nosso amigo Sr. José de Melo, que está sempre pronto a receber-nos de braços abertos. Nós por vezes, não g'ntamos muito de estar sempre a incomodar este Sr., para não abusarmos da sua bondade.

A este Amigo os nossos agradecimentos.

Exite em Viana do Castelo, uma casa de Caridade, à espécie dum hospício, destinado a receber velhas e velhos que já não possam trabalhar, por motivo de doença e também pela idade já lhes pesar muito.

Como o Sr. José de Melo é um dos directores desta casa de Saúde, resolveu levar-nos lá para vermos os velhinhos e velhinhas, que estão ali, esperando a sua hora.

Manuel Henrique (Héllo)

O NOSSO JORNAL—Continuação da 1.ª página

nossos leitores. Mais nada. Mais ninguém e é tudo. Prova? Ela aí está. Cada dia, listas de novos assinantes. Hoje mesmo chegou um monte deles de Venezuela, dinheiro à frente. Os quatro da Administração pela maneira como estão respondendo e despachando, são hoje na verdade os grandes da história.

SE DESEJA MANDAR CONFECCIONAR TRABALHOS GRAFICOS, CONSULTE A TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO PAÇO DE SOUSA